

# Mecanismos de análise sociolingüística e sua aplicação ao estudo de um caso de gramaticalização

Vânia Cristina Casseb Galvão  
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Araraquara

## Abstract

We investigated a case of grammaticalization in the Portuguese spoken in Brazil. From a qualitative analysis, we focused the scale of change developed by lexical item *achar*, full verb, that in determined contexts assumes the function, more grammatical, of an epistemic modal element. Now, in this paper, our aim is to demonstrate, through a quantitative analysis, a sociolinguistic study of the more grammatical forms of the *achar*, from the notion of apparent-time.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

**G**ramaticalização é definido como “o processo através do qual itens lexicais e construções vêm, em certos contextos lingüísticos, desempenhar funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Hopper & Traugott, 1993:15). O elemento fonte não tem, necessariamente, que perder suas funções e propriedades de origem e a antiga e a nova função podem subsistir no sistema lingüístico. Trata-se de um processo contínuo, cuja abordagem também é identificada pelo termo gramaticalização.

Estudamos as mudanças desenvolvidas pela forma *achar* no português do Brasil, item lexical, verbo pleno, que passa a assumir em determinados contextos, e em graus variados, a função de um elemento modalizador epistêmico.

A abordagem tradicional da gramaticalização não atenta para o encaixamento das mudanças na estrutura social e a maioria dos investigadores restringe-se a análises qualitativas. Nossa proposta de análise sociolingüística quantitativa da escala de gramaticalização do *achar* provém do entendimento de que a irradiação do uso das formas gramaticalizadas por toda a comunidade pode se dar em correlação com fatores lingüísticos e extralingüísticos. Nos deteremos nos resultados obtidos a partir da proposta laboviana de estudo *em tempo aparente*, com a qual pretendemos verificar as diversas etapas do processo de mudança das formas mais gramaticalizadas de *achar*.

## 2. OS CORPORA

Para esta análise trabalhamos com duas amostras de fala diferentes: NURC/SP e Rondon (RD).

O *corpus* NURC/SP foi constituído para oferecer dados para o Projeto da Gramática do Português Falado, que tem por objetivo elaborar uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil e consta de registros de fala da capital de São Paulo. Utilizamos seis diálogos entre dois informantes de escolaridade superior, de ambos os gêneros, distribuídos segundo a faixa etária: 25 a 35, 36 a 55 e 56 anos em diante; registros transcritos em Castilho & Pretti (1987).

Do *corpus* Rondon (RD), amostra por nós coletada entre 1996 e 1997 na cidade de Rondon do Pará, estado do Pará, selecionamos doze informantes, de ambos os gêneros e de mesmas faixas etárias daqueles do NURC/SP, com escolaridade variando entre 0 (analfabetos), 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> graus, dados coletados através de entrevistas com documentador.

### 3. AS FORMAS DE ACHAR

A investigação de dados sincrônicos de língua falada nos permitiu vislumbrar atualmente no português do Brasil (PB) pelo menos quatro tipos de *achar*, originários da mesma forma fonte, *achar encontrar*, que assumem as seguintes funções:

- *achar*<sub>1</sub>: [ **SN achar SN** ]: verbo pleno - descobrir, encontrar; tentar encontrar, procurar;
  - 1: Valdinei é meu mais velho...Valdinei num tá istudando tá trabalhando ...quero vê se **acho** uma vaga (RD F, 2, 0)
- *achar*<sub>2</sub> (*apreciação*): [ **SN achar** ] [ **que S** ]: verbo pleno performativo-modalizador - opinar;
  2. Olha eu **acho** que a televisão nossa está se fazendo na medida...ah:: justamente do que é a nossa sociedade (NURC, F, 3)
- *achar*<sub>2'</sub>: [ **SN achar 0 Sadj** ]: verbo pleno performativo-modalizador, forma reduzida do *achar*<sub>2</sub> (*apreciação*);
  3. (...) ali perto da praça da Sé tudo esburacado por causo do metrô né? **Achei** horrível (NURC M, 26a)

- *achar*<sub>3</sub>(*palpite*): [[ SN **achar** ] [ que S ]]: verbo modalizador epistêmico - supor;
  4. Não sei mas **acho** que foi o Dema mas o tico parece ou foi o Valdo (RD F, 2, 0)
- *achar*<sub>4</sub>: a) [ S ] **achar**, b) **achar** [ S ] c) [ S ] [ **achar** ] [ S ]: elemento modalizador que tem o comportamento semelhante ao dos advérbios modalizadores epistêmicos quase-asseverativos *talvez, provavelmente*.
  5. são ::...tribos assim que têm mais ou menos a mesma estrutura...todos no Alto Xingu **eu acho** ... Baixo não sei...e::: aí eu não entrei se tem algum sistema de hierarquia pajé é a mesma coisa? (NURC, F, 1)
  6. (em relação a você) até que eu compro bastante coisa, **eu acho** (NURC, F, 1)

As diferenças semânticas e sintáticas apresentadas individualmente por esses tipos de *achar* revelam que as mudanças ocorrem de maneira gradual e não abrupta e apontam unidirecionalmente para o domínio da modalidade. Os elementos mais gramaticalizados – *achar*<sub>3</sub> e *achar*<sub>4</sub> – apresentam um comportamento diferenciado, deixando de manifestar as propriedades inerentes ao item lexical fonte do processo, o verbo pleno *achar/encontrar*, evidenciando uma decategorização. Unidirecionalidade e decategorização são dois dos requisitos necessários para que uma mudança seja reconhecida como gramaticalização.

Para a análise sociolinguística elegemos como variável dependente as formas mais gramaticalizadas – *achar*<sub>3</sub> e *achar*<sub>4</sub>. Como variáveis independentes linguísticas destacamos *modo e tempo verbal, pessoa do discurso e realização fonética do sujeito*, e como variáveis extralinguísticas *gênero, tipo de amostra e faixa etária*. Estas prestaram-se principalmente para o estudo em tempo aparente, ou seja, um estudo que possibilita captar as diversas etapas do processo de mudança através da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias (Labov 1994, Callou et al., 1998).

Os números das variáveis lingüísticas corroboraram a análise qualitativa. A decategorização dos tipos de *achar* mais gramaticalizados foi ratificada estatisticamente. No que respeita às variáveis extralingüísticas, tivemos fortes evidências de que, como qualquer outro tipo de mudança lingüística, a gramaticalização está correlacionada a fatores sociais. Nesta oportunidade, no entanto, nos deteremos na apresentação dos resultados da análise em tempo aparente.

#### 4. DO ESTUDO A PARTIR DA NOÇÃO DE TEMPO APARENTE

Um estudo em tempo aparente, segundo Labov (1994, apud Callou et al. 1998), tem como pré-condição necessária, tanto para a reconstrução histórica quanto para o uso do presente, o princípio do uniformitarismo. Segundo esse princípio, todos os fenômenos geológicos podem ser explicados como resultantes de processos observáveis que operam de maneira uniforme.

O princípio do uniformitarismo seria a pré-condição necessária tanto para a reconstrução história, quanto para o uso do presente para explicar o passado, pois permite inferir pela observação de processos em curso aqueles que operaram em outras épocas. A partir dessa concepção, Labov (1994) propõe o que se convencionou chamar análise em tempo aparente, ou seja, que é possível captar as diversas etapas de um processo de mudança através da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias.

É o formato da curva de distribuição das variantes pelas diferentes faixas etárias que torna possível detectar se o fenômeno em evidência é uma instância de mudança em progresso e/ou uma variação estável, ou até mesmo se é um caso de gradação etária, que se repete a cada geração.

Em um estudo em tempo aparente, de acordo com a concepção clássica de mudança, considera-se, segundo Naro (1992:82), que “o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade”. Essa noção de congelamento do sistema lingüístico

do falante na puberdade, permite dizer, por exemplo, que um falante de 70 anos de idade reproduz em sua fala o estado da língua de 55 anos atrás.

A escala em tempo aparente obtida através de um estudo de falantes de idades diferentes, é o que se denomina de “gradação etária”. Ela corresponde, de acordo com a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real.

Labov (1994) propôs uma combinação das possibilidades de mudanças e/ou de não-mudança dos indivíduos e das comunidades ao longo do tempo, combinação que resulta em quatro padrões diferentes, dispostos no quadro a seguir:

### **Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade**

	<b>INDIVÍDUO</b>	<b>COMUNIDADE</b>
<b>1.</b> Estabilidade	estável	estável
<b>2.</b> Gradação etária	instável	estável
<b>3.</b> Mudança geracional	estável	instável
<b>4.</b> Mudança comunitária	instável	instável

( Labov, 1994, *apud* Callou *et alii* 1998:66)

Os dois primeiros padrões podem ser facilmente interpretados da seguinte maneira: se o comportamento dos indivíduos é estável durante toda a sua vida e a comunidade se mantém estável também, não há variação a analisar e tem-se a *estabilidade*; se os indivíduos mudam seu comportamento lingüístico durante suas vidas, porém a comunidade como um todo permanece a mesma, o padrão pode ser considerado como *gradação etária*.

O terceiro e o quarto padrão não são tão fáceis de ser apreendidos. Na mudança geracional, os indivíduos apresentam uma frequência característica para uma variante em particular, mantendo-a durante toda a sua vida. Aumentos regulares, porém, dessas frequências individuais durante várias gerações podem levar a uma

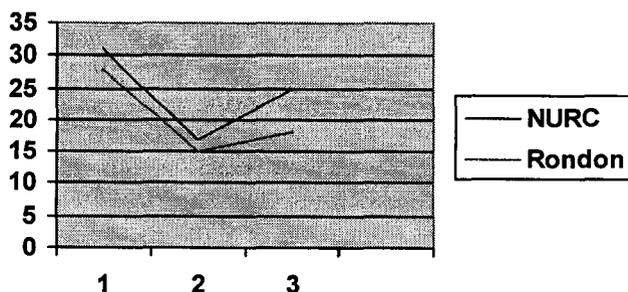
mudança comunitária. Neste tipo de mudança, todos os membros da comunidade alteram conjuntamente suas freqüências ou adquirem simultaneamente novas formas. Para Labov (1994, *apud* Callou *et alii* 1998:66), este seria o padrão característico da mudança lexical e sintática, enquanto a mudança geracional seria típica da mudança sonora e morfológica.

Com o objetivo de verificar o comportamento do indivíduo e da comunidade, ou seja, verificar se se trata de mudança em progresso ou de um caso de variação estável, compararemos a distribuição dos tipos de *achar* mais gramaticalizados nas duas amostras. Analisamos separadamente as mulheres e os homens de mesmas faixas etárias.

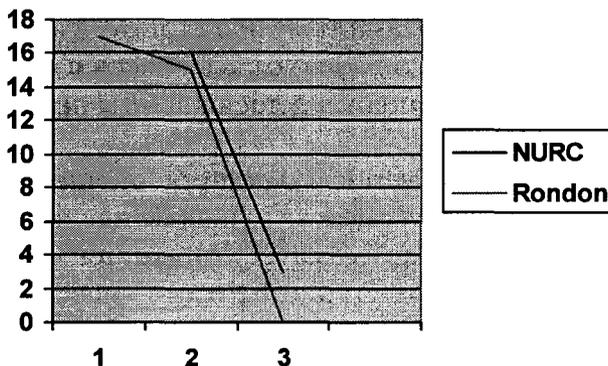
O ideal em um estudo em tempo aparente, para se verificar um caso de mudança em progresso, seria trabalhar com os mesmos indivíduos em duas amostras recolhidas em épocas diferentes. Como isso não nos foi possível, procedemos a um estudo comparativo entre os resultados obtidos com a amostra NURC, coletada na década de 70, e os resultados da amostra Rondon, constituída na segunda metade da década de 90: *Achar3* e *achar4*, homens e mulheres foram analisados separadamente.

As figuras a seguir representam a freqüência percentual nas duas amostras em relação às mulheres:

### Mulheres X Achar3



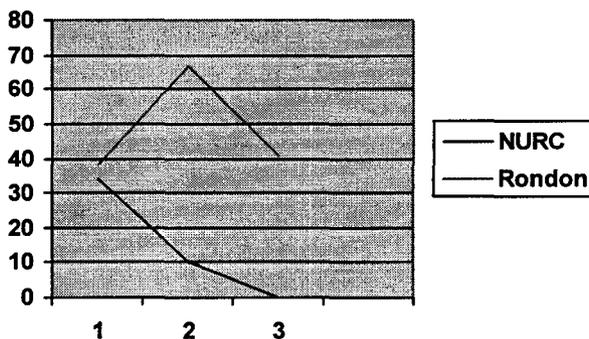
### Mulheres X Achar4



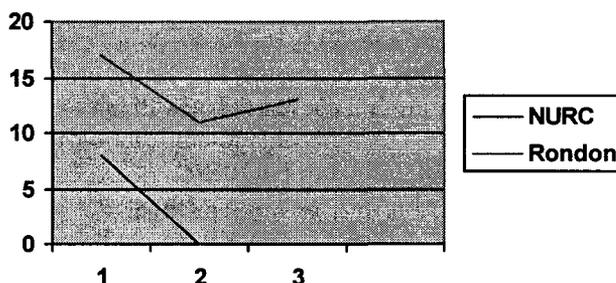
Para o gênero feminino, as curvas de distribuição do *achar3* apontam para variação estável nos dois *corpora*. As do *achar4* apontam para mudança em progresso no NURC e no Rondon. No *achar3*, as mulheres das três faixas etárias não modificaram seu comportamento dos anos 70 para os anos 90, mas o uso foi mais recorrente na primeira faixa etária. O *achar4* foi utilizado de maneira semelhante nas duas primeiras faixas etárias, uso que decresce consideravelmente entre as mulheres de mais idade, e chega a ser nulo na amostra Rondon.

Em relação aos homens, os resultados foram os seguintes:

### Homens X Achar3



## Homens X Achar4



Para o gênero masculino, as curvas de distribuição para *achar3* e *achar4* apontam, respectivamente, para mudança em progresso no NURC e variação estável no Rondon. O uso de *achar3* no NURC diminui da primeira para a segunda faixa etária, e não há ocorrências entre os mais velhos. Na amostra Rondon os falantes das faixas etárias extremas exibem comportamentos semelhantes entre si, e divergentes em relação aos da faixa etária intermediária. Quanto ao *achar4*, na amostra NURC, é usado apenas pelos falantes da 1ª faixa etária, e na amostra Rondon, as três faixas etárias mantêm praticamente a mesma frequência.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo podemos inferir que o processo de mudança desenvolvido pelo *achar* no português falado do Brasil encontra-se em um estágio de variação estável para a forma *achar3*, e em mudança em progresso em relação à forma *achar4*. Constatamos também que a gramaticalização, à semelhança dos demais tipos de mudança lingüística, também está correlacionada a fatores sociais. O falante inova, no caso do *achar4*, tudo indica que a inovação provém das mulheres, e isso licencia a mudança na comunidade.

É interessante observar, no entanto, que as variantes em processo de GR não são concorrentes, são co-ocorrentes, as formas “antigas” e as formas “novas” convivem pacificamente e estão à disposição do falante no sistema lingüístico.

## NOTAS

<sup>1</sup> Trabalho integrante da pesquisa que resultou na dissertação de Mestrado defendida perante o Instituto de Estudos da Linguagem - IEL / UNICAMP, em 22.02.99, sob o título “O *achar* no português do Brasil: um caso de gramaticalização”, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luíza Braga.

O assunto abordado neste artigo foi apresentado em comunicação individual no XLVII Encontro do GEL, em Maio/99, em Bauru/SP.

<sup>2</sup> Optamos pela utilização do termo *gênero* em lugar de *sexo*, levando em consideração que, segundo Chambers (1995), no uso da linguagem, homens e mulheres desempenham papéis definidos a partir de normas e conveções sociais e não a partir de suas condições biológicas.

<sup>3</sup> Outros tipos, como o *achar* pronominal, por exemplo, não foram detectados nas amostras de fala núcleo desta pesquisa.

<sup>4</sup> Fato também verificado através de análise diacrônica.

<sup>5</sup> Princípio tomado por empréstimo, oriundo da geologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLOU, D., MORAES, J. & LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo real e em tempo aparente. *D.E.L.T.A*, v.14, p.61-72, 1998.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 1999. (inédito)
- CASTILHO, Ataliba T. & PRETI, Dino. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1987.
- CHAMBERS, J. K. *Linguistic variation and the its social significance*. Oxford/Cambridge: Blackwell/Oxford UK & Cambridge USA, 1995.
- HEINE, B., CLAUDI, U & HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalisation: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- NARO, Antônio. J. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à Sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, p.81-88, 1992.